

## A GREVE DOS ESTUDANTES DOS INSTITUTOS

Os estudantes, que em quase todos os países do mundo abraçam com o natural entusiasmo da sua juventude os ideais mais altos e mais generosos, perderam em Portugal, desde os últimos anos da monarquia até hoje, essa vivacidade simpática, essa energia impulsiva que lhes são próprias.

Deixámos de assistir aos seus belos movimentos reivindicadores que, em regra, repousavam sobre um critério de perfeita equidade. O aperfeiçoamento das instituições sociais deixou de interessá-las e a boa organização das escolas e institutos que frequentavam tornou-se-lhes inútil.

Há dias, fomos surpreendidos agradavelmente por um movimento reivindicador levado a cabo por estudantes de Lisboa, Póvoa e Coimbra. Curámos de saber das razões do movimento e verificámos serem de justiça. Estamos, pois, com os estudantes. Desejamos-lhes a vitória, como a anseamos para o proletariado.

Os estudantes deviam ser, em via de regra, solidários com o operariado. Laços de mais estreita e carinhosa fraternidade deveriam unir, em Portugal, como os unem actualmente na longínqua China, onde a mocidade das escolas dá o seu concerto, a sua inteligência ao formidável movimento renovador daquele país. Mas enquanto os estudantes não trilharem afoitamente o caminho das aspirações proletárias, que tanta semelhança têm com as mais sãs aspirações da mocidade que pensa e estuda, coloca-se *A Batalha* desde já ao lado do actual movimento grevista solidarizando-se com a justiça das suas reclamações.

Estão presentemente em greve os estudantes do Instituto Superior Técnico, Institutos Superiores do Comércio de Lisboa e do Póvoa, Instituto Superior de Agronomia e Instituto Industrial e Comercial de Coimbra. É um movimento importantíssimo. Cercá de mil rapazes vieram neste instante na mesma aspiração. Essa aspiração é justa.

Todos estes institutos, segundo a letra da lei que os criou, destinam-se à especialização de várias profissões. Acontece, porém, que os estudantes especializados e diplomados por estes institutos, quando se trata de irem ocupar na vida prática os lugares para os quais se preparam, vêm-se preteridos por bairrões em direito e outras criaturas não especializadas. Nestas circunstâncias, se o Estado que criou e mantém estes Institutos, não reconhece a sua própria obra de especialização, só tem dois caminhos a seguir: ou fechar os institutos de especialidade, continuando a fazer admissões de profissionais por simples concursos, ou acabar com os concursos e só admitir para as várias especialidades profissionais as criaturas que cursaram nos institutos de especialização técnica.

Os grevistas estão na lógica. A razão acompanha o seu movimento; por isso estamos com os estudantes, desejando, como eles, o triunfo das suas reclamações.

## O "Suplemento de A Batalha"

A *Educação Social* a importante revista pedagógica dirigida pelo ilustre professor dr. Adolfo Lima registou com as seguintes palavras o 2.º aniversário do nosso suplemento semanal:

# A BATALHA

## NÃO PODE SER! As eloquentes lições que o escândalo do Angola e Metrópole deu ao proletariado

As deprecadas que foram para África, referentes aos «legionários», devem ter, segundo creio, uma execução rápida. Julgo até que o ministro da Justiça, se ainda o não fizer, chamará para o caso a atenção do seu colega na pasta das colónias.

Isto quere dizer, muito simplesmente, que não tardará o dia do regresso dos deportados a fim de serem julgados na Metrópole. Poderá pois a polícia dizer o que quiser e pode até haver quem se entretenha a fabricar bombas, que era antigamente um ofício leve.

Nem por isso deverão surgir mais entraves nos respectivos autos... Os presos sociais que se encontram em Monsanto não podem, à face da lei, sair de lá senão para o Lameiro onde já deveriam estar, e daí para o julgamento e para a liberdade que nunca lhes deveriam ter tirado. Os que estão na Quiné e que para lá foram levados com gravíssimo atropelo da lei, com manifesta violação da própria doutrina constitucional, terão que voltar, quanto antes, ao tribunal que, justa ou injustamente os pronunciou. Mas porque? perguntarão agora.

Porque o Conselho Superior Judiciário não possue a menor jurisdição na Quiné onde não existe qualquer outra organização local que se lhe assemelhe ou a substitua. Assim, não tendo os tribunais da competência para os julgar nem o Conselho Superior alcada para ordenar que essa nova violência se pratique, caberá aos tribunais do continente a missão do julgamento e discussão da causa. E em Lisboa, que não noutra parte, deverá ser feita justiça. Ou reconhecerá Lisboa que dispõe de menos força e respeito para, como capital que é, manter a ordem dando a palma a qualquer cidade provinciana? Não será isso ridículo e curioso? Tanto mais que em Lisboa passaram ou poderão passar livremente todos quantos se tenham afançado ou queiram prestar uma caução de cinquenta contos...

Por tal quantia já não haverá, pelo menos momentaneamente, o apreçoado temor de um atentado dinamita ou dum homicídio feroz. Pagando já não haverá que temer qualquer alteração da ordem, razão esta que tem servido de pretexto para encurrar humanos dentro dos cárceres dum forte ou nas regiões africanas.

Em tais circunstâncias resulta portanto, como dedução lógica, o ser absolutamente desnecessário e até irrisório mandar que os julgamentos sejam feitos fora de Lisboa. Razão teve o sr. Presidente da República em promover à Federação do Livro e do Jornal o breve regresso dos deportados. E a própria lei que assim o exige e o exige cumprimento das leis deriva o necessário prestígio para o regime que nelas se baseia.

Não deve já tardar muito o desfecho de esta desengraçada comédia policial que para tantos presos e suas famílias assumiu as gigantescas proporções duma tragédia horroiosa.

Se de facto existe república em Portugal, se houver o indispensável cumprimento das leis e se, além de tudo isto, o sr. dr. Bernardo Machado se recordar de que comprometeu a sua palavra para satisfazer uma aspiração justa e legal, deve chegar muito em breve a hora por todos nós desejada.

Talvez isto não agrade à polícia mas, analisada a questão à face dos códigos e legislação avulsa, não se pode fugir a esta verdade: todos os presos sociais terão que ser julgados na Metrópole. Antes disso, porém, deverão regressar os que se encontram na África.

O contrário seria mascarar novamente a lei para mais uma vez a agredirem à vontade....

Mário MONTEIRO  
Advogado

## O julgamento dos implicados na morte de Matteotti

DROMA. — O «Regime Fascista», órgão do sr. Farinacci, informa que os debates no caso Matteotti começaram provavelmente os primeiros dias de Março, perante o tribunal correccional de Chieti. Este jorunal acrescenta ser cada vez mais certo que a parte civil se retirará, em virtude dos deputados Gonzales e Modigliani, que a representam, se terem convencido pela leitura da sentença da seção de acusação que o resultado do processo não pode senão ser a condenação definitiva e última dos partidos da oposição. Os cinco acusados terão cada um o seu defensor. Se bem que o seu papel se tenha consideravelmente reduzido pela retirada da parte civil, acusação particular, diz o «Regime Fascista», o sr. Farinacci permanecerá igualmente na defesa, como defensor do Du mini. — H.

Lá e cá...

PARIS, 26.—O governo convocou o seu representante em Budapest a insistir junto do governo húngaro para autorizar a presença dum representante francês durante os interrogatórios dos implicados no escândalo da falsificação das notas do Banco de França.

A *Educação Social* os nossos agradecimentos.

## Fragateiros e pessoal dos reboques na perspectiva de um movimento inédito de consequências gravíssimas

Estamos em presença de um gravíssimo conflito, de um conflito inédito na história das lutas operárias. Fragateiros e pessoal do convés dos reboques e gasolinhas, duas das mais importantes classes do movimento fluvial do rio Tejo, há meses que numa luta inglória se degladiam, procurando a primeira, por razões que adianto se explicam, subverter a segunda, ainda que seja necessário lançar mão de processos pouco honestos.

Dessa gravidade se justifica a conveniência de *A Batalha* dar aos seus leitores o conhecimento exacto dos porões do conflito, a fim de que se avalie até onde o mesmo pode conduzir qualquer das duas classes em litígio. Para esse efeito procuramos ontem um membro da direcção da Associação de Classe do Pessoal do Convés dos Reboques e Gasolinhas com quem numa luta inglória se degladiam, procurando a primeira, por razões que adianto se explicam, subverter a segunda, ainda que seja necessário lançar mão de processos pouco honestos.

Entre outras coisas, deliberou, sem que a direcção lhe encorasse o sermão, roubar ao pessoal 10 por cento dos seus salários ordinários, para que as fortunas pirateadas pelos Sois, pelos Pinto Moreira, e o Inocente Camacho a quem prestou homenagem e fez um Pinto de Lima para salvá-los.

— Porque o pessoal dos reboques e gasolinhas não tivesse um organismo sindical competente para defender os seus interesses, visto que a Associação dos Fragateiros onde estávamos agarrados se considerava incompetente, foi criada a Associação dos Reboques e Gasolinhas. Esta solução, embora não agradasse os fragateiros, conseguiu ser sancionada pelo Congresso Marítimo de Aveiro, sanção de que participaram os próprios fragateiros. Mais o referido congresso reconheceu tão legítima a pretensão da nossa classe que sugeriu a remodelação da organização sindical e marítima, num sentido mais industrial e sindicalista.

— E essa solução não podia ser conhecida?

— Podem sim. Simplesmente é mister adverir que teremos que explicar os remotos e recentes para um juiz seguro.

Essa história é em síntese:

— Porque o pessoal dos reboques e gasolinhas não tivesse um organismo sindical competente para defender os seus interesses, visto que a Associação dos Fragateiros onde estávamos agarrados se considerava incompetente, foi criada a Associação dos Reboques e Gasolinhas. Esta solução, embora não agradasse os fragateiros, conseguiu ser sancionada pelo Congresso Marítimo de Aveiro, sanção de que participaram os próprios fragateiros. Mais o referido congresso reconheceu tão legítima a pretensão da nossa classe que sugeriu a remodelação da organização sindical e marítima, num sentido mais industrial e sindicalista.

— E essa solução não podia ser conhecida?

— Vamos agora entrar na segunda fase do conflito. Quando o afastamento de organismos da C. G. T. se consumou o conflito modifícou-se. Tudo que até ali era considerado prático depressa foi esquecido. Isto é: os fragateiros exigiram, aproveitando o pretexto, que o pessoal dos reboques fosse para a Associação dos Fragateiros.

— E o que resolveu esse pessoal?

— Conservar-se no lugar que o congresso de Aveiro reconheceu como razoável.

— E os fragateiros o que fizeram?

— Tudo quanto de pior se pode conceber. Começaram por nos recusar os cabos das fragatas para os reboques que fivessem sem pessoal sindicado no nosso organismo, a fim de dar o golpe de morte no Sindicato do Pessoal dos Reboques, e procuraram agora aniquilar-nos completamente apertando-nos num círculo de morte.

— Como assim?

— Segundo nos asseveram o conflito vai mais longe. Hoje, a dar crédito a esses informes, os fragateiros irão ao extremo. Não irão ao mar, proclamando a greve ou a boicote contra a permanência nos reboques e gasolinhas de pessoal que não seja sindicado na Associação de classe dos Fragateiros. Os fragateiros solidarizar-se-ão os estivadores e descarregadores de forma a provocar que os patrões prescindam dos serviços do pessoal filiado na nossa associação.

— Quais são os intuições?

— Dois. Um de ordem política, outro de interesse particular. O primeiro filia-se no facto de o nosso organismo não estar nessa Federação Marítima que ainda para si existe. O segundo tem o fim de colocar, em substituição do pessoal atingido pelo despotismo dos fragateiros, alguns amigos e afilhados dos nossos inimigos.

— E os fragateiros conseguirão os seus desejos?

— Não queremos fazer conjecturas optimistas. Todavia, não é demais assegurar que todas as tentativas que elas façam se irão inutilizar. O pessoal dos reboques tem que defender-se e há de conseguí-lo. Se esse movimento, que se presume, tiver realmente realização e que as fragatas sejam abandonadas pelos profissionais, nós disparamos a trabalhar com qualquer pessoal, embora isso nos penalise muito. Temos que nos defender. E nesse movimento defensivo iremos até onde as circunstâncias nos obrigarão. Eis tudo.

— Já despediu:

— E tal o furor contra os humildes trabalhadores marítimos que não têm ligações com a cartilha de Moscovo que até já se diz que, se os fragateiros vencessem o movimento que se presume ter hoje o seu início, tentariam essa absurda coisa: os fragateiros recusar-seão a dar carga aos navios, obrigando os organismos do pessoal de longo curso a agrupar-se na Federação Marítima, a agrupar-se na Internacional de Moscovo.

— Que a organização venceu quem são os seus inimigos e quem deseja o seu engrandecimento?

— Entrevista concluída, viemos para a redacção pensando no futuro desses homens que a reles política de alguns dirigentes da organização marítima vai conduzir à pior das situações.

— Almanaque de «A Batalha»

A importante revista *Educação Social* para o 2.º aniversário de «A Batalha» para 1926 nos seguindo os amáveis e penhorantes termos:

Saiu pela 1.ª vez este útil e curioso repertório anual da vida operária e das ideias generosas de redenção social.

Além de muitas indicações interessantes, não só para operários, mas também para todos os que estudam a vida social, salienta-se o artigo do nosso amigo e colaborador Alexandre Vieira, em que se passam em relance, numa curiosa resenha documentada, os factos e os homens do movimento operário de 1908-1919, sob o título «Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal».

Dá-nos também notas biográficas de algumas figuras mais marcantes do idealismo social, e fornece-nos uma lista de várias associações operárias do país.

Registando o seu aparecimento, e assinalando a utilidade e necessidade de semelhante reportório, a *Educação Social* deseja que tal iniciativa prossiga próspera e sempre melhorada por longos anos.

Trabalhadores de Tráfego

Comemoram no próximo domingo o 2.º aniversário do seu sindicato. Serão inauguradas nesse dia a nova sede e a biblioteca, havendo uma sessão solene que será iniciada cerca das 14 horas.

## NO BRASIL

## A nova política de imigração

Necessitando de imigrantes, mas restando a entrada de elementos "indesejáveis", o governo brasileiro procura agora fazer contratos com os governos estrangeiros, a fim de que estes lhes fornecam homens de confiança, incapazes de perturparem a gestão dos industriais, e fazendo daquela república.

Um contrato dessa natureza já foi concluído com o Japão, comprometendo-se este país a fornecer um certo número de operários "honestos" por ano. O primeiro destes contingentes, destinado às plantações de café, chegou ao Brasil em Setembro último. O governo japonês declarou: "que estes homens tinham sido cuidadosamente escolhidos, e que estavam livres de toda a mácula de socialismo".

Eram esperados além deste mais dez contingentes de trabalhadores japoneses, os quais aceitando os mais baixos salários vão prejudicar deste modo os restantes trabalhadores.

Mas não é só o governo que anda metido nestas tramarias, mas, também, a imprensa estrangeira.

Publicou o jornal brasileiro *O Combate*, que o "Departamento Nacional de Finanças" decidiu conceder 250 mil reis ao jornal alemão de São Paulo e 500 mil reis ao jornal hungaro, para que estes nada digam ácera da sorte miserável, que aguarda no Brasil os imigrantes contratados vindos daqueles países.

## A VENDA a 9.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras páginas da revista.

Assinatura pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Produção e Consumo de Alcântara. Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a assembleia geral para alterar os Estatutos e tratar de outros assuntos.

## A viagem aérea transatlântica

## A caminho do Cabo Verde

CADIZ, 26.—Um rádio do transatlântico "São Carlos", em viagem para Fernando Pô, informa que comunicou pela telegrafia sem fios, às 12,15, com o "Plus Ultra", dizendo os aviadores que a viagem prosseguia normalmente.

## A chegada a Cabo Verde

MADRID, 26.—Um rádio expedido de Cabo Verde informa que o "Plus Ultra" amarrou normalmente em São Vicente de Cabo Verde às 7,55.

## Contra um abuso

Pedem-nos a publicação da seguinte nota: "A junta de freguesia de São Sebastião da Pedreira previne todos os seus paroquianos que se não deixem ludibriar por determinadas pessoas que em nome da mesma procuram angariar donativos que revertem em seu proveito, como ainda há pouco sucedeu com Cristiano de Sousa Lourenço, morador na rua do Arco do Cego, C G, 3.º, que, valendo-se dum atestado de pobreza passado a sua esposa pela junta transacta e declarando que a mesma havia falecido, o que se provou ser falso, andava angariando donativos que dizia ser para custear as despesas feitas como funeral."

## Ler o Suplemento de A BATALHA

## O conflito sino-russo

PEQUIM, 26.—Uma nota da embaixada soviética mostra satisfação por ter sido posto em liberdade o director russo do caminho de ferro chinês do Leste, Ivanoff, e diz ter concluído um rascavalo acordo sobre o transporte de tropas chinesas por aquele caminho de ferro.

Tudo parece indicar que os soviéticos se contentaram com a libertação do seu representante no caminho de ferro e que Tchang-Tso-Lin assegurou o livre transito dos seus soldados.

## Um acordo satisfatório

LONDRES, 26.—A agência Reuter recebeu notícias de Pequim, dizendo que a embaixada dos soviéticos noticia que foi posto em liberdade o sr. Ivanoff, director do caminho de ferro da China Oriental. O marechal Chang-Tso-Lin e o conselheiro dos soviéticos em Makden concluíram um acordo satisfatório para o transporte das tropas chinesas.

**HOJE NO GIMNASIO**  
TEATRO GIMNASIO  
em que é director o  
reputado actor Gil FERREIRA  
repete-se a alegre peça  
A TIA ANDREZA  
BRILHANTÍSSIMOS SCENARIOS  
ARTÍSTICA MISE-EN-SCENE  
Domingo: Concerto Fão  
SAMSÃO

## Ainda a situação da Fábrica Nacional da Marinha Grande

Recebemos a seguinte carta, que passamos a reproduzir integralmente:

*Comandado director de A Batalha—Permita que os abusos assinados, com esta carta desmentam o estendal de falsidades que inseria uma do sr. Joaquim Marques de Oliveira, inserida em A Batalha de 20 p.*

Queremos ser breves, primeiro por atendermos à falta de espaço, e segundo porque não vale a pena gastar cera com ruínas defuntas.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta. Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente do seu papel, para sómente fazer a política de apaniguados.

O espírito libertário não tem nada, e tanto assim é que, quando todos os delegados, incluindo os representantes do governo, eram de opinião que se deviam deixar as oito horas de trabalho, ele atacava tal ideia a "outranse". Pois, camarada director, o grande trabalhador atacou o desejo dos restantes delegados, e de tal maneira o fez que começaram a dar ao pessoal as mesmas horas de trabalho que as fábricas particulares.

A divisa de Joaquim de Oliveira era que em caso de menos horas menos salário. Dessa vez então, quando o pessoal passou a trabalhar mais horas, aumentou-se a si próprio em 10%.

Dentro da comissão nunca nos defendeu e tanto assim é, que todos os desaguados que têm surgido na fábrica, são de causa de ele atacar tão tórramente as nossas prestações.

Chama cadastrados aos informadores de A Batalha, acrescentando que as provas se encontram nas actas da comissão administrativa.

Que pena camarada director, que não veja as referidas actas! É uma vergonha! As actas são escritas a belo talante do secretário, que é ainda o mesmo senhor!

No livro, de resto, poucas estão, isto quando a fábrica tem uns poucos de anos de funcionamento!

As ostras têm-as o senhor Joaquim de Oliveira ainda em borralh!

Quando entrou na sociedade, para o funcionamento da fábrica, esse senhor sabe o quanto lucrou com tal, enquanto que nós só contrámos dívidas.

O que nos admira é que o sr. Joaquim de Oliveira, ainda ouviu vir ao jornal do operariado, defender-se quando tanto nos tem atacado e prejudicado.

Diz o sr. Joaquim de Oliveira que os informadores de A Batalha têm abusado da boa fé desse jornal.

O sr. Joaquim de Oliveira sabe muito bem que não se disse ainda metade. Sabe perfeitamente que quando o dr. Calazans elaborou o relatório para o ministério do Trabalho, depois do ter ouvido ler, apresentou ao mesmo senhor mais uma conta a receber, que não era muito pequena. E chama a isto lealdade, o sr. Joaquim de Oliveira!

Nós é que temos sofrido, com as lealdades desse senhor, que quando director só pensava em satisfazer os desejos e caprichos de amigos e compadres.

Na última eleição, foi para a comissão administrativa, porque ameaçou acéfalos, mentecapitos, que não conhecem o seu eu.

Votou por ele um pobre homem, que foi amparado para colocar a lista!

Se até à data não temos protestado é porque temos recaído as reparações do homem que se inculca trabalhador e camarada.

De v. etc.—Manuel da Silva Marques, Aires Roque, Joaquim de Freitas Nobre, Augusto de Oliveira Guerra, Reginaldo Marques Nobre, Artur da Silva, António Possidônio Marques, Jorge Leandro, Adriano de Freitas Nobre, António Duarte, Joaquim Lourenço, José de Oliveira Guerra, Carlos Ferreira da Silva Gândara.

## Assinar Os Mistérios do Povo

## A rebelião dos kurdos

BEYROUTH, 26.—Vai-se desenvolvendo a rebelião dos kurdos. Foi destruída a ponte de Batmen, ficando feridos 250 soldados turcos. Os combates continuam na região de Bitlis.

## Liga de Ação Educativa

Sob a presidência da professora sr.ª D. Vitória Pais, voltou a reunir, na segunda feira passada, esta Liga para continuamente a discussão dos seus estatutos que ficaram aprovados até ao capítulo IV.

Os trabalhos prosseguem amanhã, às 8 horas e meia da noite, na Escola-Oficina n.º 1, à Graça, devendo ficar concluídos e eleitos os corpos gerentes da Liga.

## IMPRENSA

## O Pessoal do Município

A comissão que prepara a saída desse órgão defensor dos interesses do pessoal do Município, activa os seus trabalhos no sentido da sua breve saída.

Mais uma vez apela para toda a classe para que se vá preparando a fim de o amparar, pois ele será o porta-voz dos interesses morais e materiais de todos os assentados da Câmara Municipal.

Teatro APOLÔ HOJE Tel. N. 4291  
3.º récita com a peça em 3 actos AS DUAS CAUSAS SEXTA-FEIRA, 27 Festa artística da genial ADELINA ABRANCHES com a p. de Bernstein SAMSÃO

## NA AUSTRIA

## Os soldados e os médicos manifestam-se solidários com os trabalhadores manuais

Recentemente, na Austria duas classes—dos médicos e a dos soldados—que, em geral, se conservam alheias às lutas sindicais, a primeira em consequência dos seus preconceitos de classe, e a segunda, em vista da sua situação especial, manifestaram a sua solidariedade aos trabalhadores manuais.

Os soldados, quando os empregados do Estado ameaçaram que iriam para a greve geral, declararam publicamente, em nome da sua associação, que se recusariam a desempenhar qualquer trabalho em substituição dos grevistas.

Os soldados, quando os empregados do Estado ameaçaram que iriam para a greve geral, declararam publicamente, em nome da sua associação, que se recusariam a desempenhar qualquer trabalho em substituição dos grevistas.

Por outro lado, a associação dos médicos hospitalares afirmou que se declararia em greve, se o governo tivesse pôr em prática as medidas que tinha em projecto contra a classe trabalhadora.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz na sua carta.

Foi efectivamente para a comissão administrativa, como nosso delegado, mas passado pouco tempo, esqueceu-se completamente a política de apaniguados.

De princípio diremos que Joaquim de Oliveira, não é operário, como diz



# A BATALHA

A BATALHA publicará amanhã um artigo sobre a momentosa questão dos tabacos

## A falsa apologia da unidade sindical

está sendo feita pelos responsáveis das divisas e scisões produzidas no movimento operário

Nas colunas da imprensa conservadora, os doutorados caudilhos duma situação medieval continuam a afirmar, entusiasticamente, que estamos em vias de um renascimento.

Esta renascença de vitalidade portuguesa já todos sabem qual é: é um retorno em forma para os moldes do passado envolvidos na mania mussoliniana.

Para este alvor fasciológico é que, segundo os arautos do tradicionalismo absolutista, da ditadura realista-governamental e do fanatismo religioso, se estão a congregar esforços, a despertar todas as energias no mistério das conspirações ultramontanas.

Eles asseveram, com um impressionante desassombro, que a onda do restauracionismo cresce e espalha-se por toda a nacionalidade num banho lustral salutar. Eles garantem: que o santo lampadário da esperança numa próxima ressurreição das antocráticas civilizações, vai, em scintilações, graduais, iluminando os espíritos desiludidos pelas calamidades da democracia falida...

Não podemos negar que a perseverança reacionária, que a pertinácia dos prosélitos do passado, nos pode atirar para os arrancos dos perigosos recuos econômico-político-sociais. E este perigo torna-se tanto mais agravado, quanto mais fundamentalmente os paladinos da Reação observam o triste estado de dissídio operário para onde nos vão arrastando os neo-políticos das «vermelhoides» ditatorial-moscovíticas...

A concentração surda que se vai operando nas fileiras reacionárias, devia seguir-se um persistente ilaqueamento dos laços orgânicos do sindicalismo revolucionário e autonomista. Para a intensidade e extensão desta congregação de altitudes libertadoras, é indispensável a incidência de todas as atenções de todos os militantes operários.

A inoculação, porém, do *virus* político em alguns indivíduos que outrora se consideravam puritanos em matéria doutrinária anti-política e anti-estatal, fez com que eles, olvidando o barranco para onde nos empurram os preparativos reacionários, se precipitasse no cultivo sistemático da planta divisionista.

O que torna mais engraçada esta propaganda deficiente, de aniquilamento da C. G. T., é ela ser adornada com a pílula dourada da *unidade*. Em nome desta *unidade*, deste tipo único de organização revolucionária, procura-se desmembrar a central portuguesa, só porque ela persiste em não se deixar entregar a qualquer clientela política, por mero toque de vermelho que ela possa estar.

Só o ponto de vista internacional, é muito interessante esta ação de desagregamento comunista-socialista desenvolvida no nosso país.

Na imprensa moscovítica do estrangeiro esterilizam-se longos artigos dedicados à defesa dum *internacional sindical único* e de ataque fúrbido aos que se opõem à sua realização, aos sociais-democráticos amsterdãos que obstinadamente contrariam as tentativas «unificadoras» do «trade-unionism» comité anglo-russo.

Primeiro, a I. S. V. ordenou a guerra das scisões; agora, reconhecendo o seu mau passo, quer, à viva força, inquistir-se na F. S. I., tornando-se duas almas num corpo só — a *internacional sindical única*. A volta destas surgiem os ataques, os insultos, partidos dos dois campos opositos.

Em França, em virtude da velha C. G. T., traíram os seus princípios e depois caíram os braços do colaboracionismo e da política reformista, constituíu-se a C. O. T. Unitária, encarregada de conservar o sindicalismo revolucionário anti-parlamentar, anti-político, anti-estatal, autonomista-federalista.

Os Monnousseau, requestados pelos marxistas, atraíram arrebiados do moscovitarismo, lançou a casca de laranja aos principios sindicalistas-libertários e fez tomar a C. G. T. Unitária na *chaise-longue* do Partido Comunista...

Pois, após um guerrilhamento entre as duas C. G. T., a Unitária esforça-se, novamente, por uma C. G. T. única, tornando-se essas duas almas «reconciliadas» dentro do arcabouço dum só central re-fundido. E como isso ainda não foi possível, daí a grande polémica insultuosa entre os propagandistas dos dois lados.

Estes processos viventes extra-fronteiras, poderiam servir-nos de lição e levárnos todos a ser consequentes com o nosso passado brilhante de solidariedade, de unificação.

Mas porque a central portuguesa nunca deu aso à formação dum C. G. T. Unitária num país de «palmo-e-meio» do terreno, visto que se mantém fiel às suas afirmações revolucionárias, aos seus princípios de finalidade, às resoluções dos seus congressos — é por isso mesmo «que surgiu um núcleo de escangalhistas» neo-políticos a pretendem uma outra central... em nome da *unidade*... política moscovitária... E precisamente numa ocasião psicológicamente histórica em que na própria Moscova se acendem formidáveis dissensões em homenagem... à *unidade* businada para os outros, para o resto do mundo...

E' natural que depois da scisão os divisionistas venham propor a C. G. T. Unica, realizando-se um congresso conjunto. Talvez seja para este parodiamento a francesa, que os comunistas dos sindicatos afastados da C. G. T. pensam levar, a cabo a instituição da sua central... política reformista...

Ora os corifeus do nacionalismo redutivo no fascismo, que dizem que «Portugal, erguido na onda reacionária, há-de igualmente triunfar...» no deslumbramento da Renascença de um miguelismo fero escorrido — notam, perfeitamente, o marulhar das intrigantes divisões no proletariado militante. Notam as divisões surdamente provocadas por uns e a falta de continuidade, de persistência, de outros.

E como não são parvos, vão-se aproveitando do esfacelamento da política republicana, das traições dos governos, das desilusões populares... e a própria afluência de desagregadora dos «militantes» despreparados — que dão bastante campo para a ação misteriosa da restauração das velhas fórmulas se desenvolverem à vontade...

Que não seja, porém, a culpa daqueles que se conservam firmes nas suas ideias e

## Ecos da greve dos ferroviários de Lourenço Marques

### Um agradecimento dos deportados ao proletariado de Lisboa

Os ferroviários deportados pelo alto comissário de Moçambique, perante tantas provas de solidariedade do proletariado de Lisboa vêm por intermédio da *A Batalha* manifestar a todos o seu profundo reconhecimento por essa grande manifestação, envolvendo, nesse agradecimento a tripulação e passageiros do vapor «Lourenço Marques», cujo carinho constituiu uma das mais indeléveis recordações desde que foram afastados de suas famílias. Ao mesmo tempo os referidos deportados notificaram a bordo do «Lourenço Marques» foi aberta uma que rendeu as seguintes importâncias:

Pessoal do convés, 43500; pessoal do foguete, 55200; pessoal de câmaras, 41900; passageiros de 1.ª classe, 51500; idem de 2.ª, 36000; idem de 3.ª, 44500. Estas importâncias foram recebidas em moeda de Moçambique, Angola, São Tomé e alguma da Metrópole, sendo o total depois de cambiada a moeda colonial de 1.67500.

### A favor dos deportados

Os ferroviários deportados receberam mais as seguintes importâncias: Transporte, 1.67500; oferta do Sindicato da C. P., 50000; queite tirada pela C. S., 14940; subscrição de *A Batalha*, 15000. Total, 2.47535.

### Um relatório do alto comissário

Informam-nos da Arcada: «O alto comissário de Moçambique, enviou ao ministro das Colônias um circunscrito relatório sobre todas as ocorrências havidas últimamente naquela província e sobre as medidas pelo mesmo funcionário tomadas, tratando no referido relatório de vários e «importantes» assuntos de administração.»

### Que é o relatório do sr. Azevedo Coutinho?

Sobre a greve dos ferroviários de Lourenço Marques o conselho federal da Federação Ferroviária aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Apelar para todas as redes ferroviárias sem exceção para que aos mesmos camaradas seja prestada toda a solidariedade.

### 2.º Saúdar os ferroviários em luta, fazendo votos pela sua completa vitória.

3.º Saúdar os camaradas deportados presos a todos solidariedade moral e material a que têm jus.

4.º Convidar os ferroviários a esperar os deportados, fazendo-se o conselho representar nessa manifestação protestando assim contra as violências levadas a efeito pelo Alto Comissário de Moçambique e seus colaboradores.»

## O APOIO Á CAMPANHA DE A BATALHA

O conselho federal da Federação Vinícola resolveu apoiar *A Batalha* na campanha contra o sistema capitalista e faz votos para que a mesma prossiga dentro da orientação que a tem norteado.

Os empregados menores do Estado, reunidos em assemblea geral, resolveram saúdar *A Batalha* pela campanha encetada contra o capitalismo e aconselhar o mesmo jornal a prosseguir na mesma campanha até completo aniquilamento dos inimigos do proletariado.

Os indivíduos que pretendem desvir a família metalúrgica do norte, da verdadeira diretriz são principalmente: Mendes Gomes, José dos Santos e Anastácio Ramos. Portanto, metalúrgicos, acautelai-vos destes senhores porque só pretendem o vosso mal-estar.

O primeiro destas sinistros trindade é aquela *relicquia* da metalúrgica que se chama Mendes Gomes, a quem pagam quinhentos mensais os serviços que o Sindicato presta — visto que estas *relicquias* não fazem sacrifícios e não era tão pouco, ou não fosse uma *relicquia*, o segundo, José dos Santos, é ideologicamente um verdadeiro *saltimbancos*: muda de opinião com mais facilidade do que nós mosquinhos de camisa, diz-se sindicalista-revolucionário, vai ao banquete de José Domingos dos Santos e afirma-se democrático-esquerista, depois... depois, continua vertiginosamente a ser tudo, sendo presentemente comunista. O 3.º nem vale a pena bater-lhe porque já não existe, suicidou-se — afirmação por ele feita se alguma dia fosse político — portanto... deixemos em paz os mortos vamos ao que mais interessa à organização metalúrgica.

Ninguém ignora que o antigo e extinto comité metalúrgico se vinha arrastando numa vida moralmente vergonhosa, não tratando senão de política, intriga etc., e que, portanto, se impunha a necessidade de substituir por outro que tratasse apenas dos legítimos interesses dos metalúrgicos.

Quando do congresso de Santarém, recentemente realizado, José dos Santos afirmau aos representantes da Federação a necessidade de ser nomeado outro comité, ascendendo-se em que viria um delegado ao Pórtico com essa incumbência. A Federação porém a prática o resolvidor mas o *impagável* José dos Santos faz-se esquecido e juntando-se à *relicquia* e ao *suicidado*, declarão acatar as resoluções tomadas e, de *freio nos dentes*, elas ai vão em procura de quem os acredite para criarem qualquer coisa a que pretendem dar o nome pomposo de *Associação das Artes Metalúrgicas* — ou melhor: «Artimanya de artes mágicas».

Os fins a que visam estes *cavalheiros* já a família metalúrgica o sabe; o que é previsível, portanto, é que respondem com dignidade e energia aos vigaristas que lhes aparecerem a falar na divisão dos metalúrgicos. No momento em que a burguesia se une internacionalmente para esmagar as poucas e insignificantes regalias do povo trabalhador, é extraordinário e repugnanteamente criminoso que operários desçam ao infame papel de pretendentes dividir a família trabalhadora, que só muito unida poderá vencer.

Camaradas Metalúrgicos: Em guarda contra os coveiros da vossa organização, respondei com desprezo a todas as *relicquias* que vos aparecerem, porque só pretendem a vossa miséria.

Desprezai com dignidade os divisionistas da família metalúrgica e respondai conscientemente gritando:

Abaixo os políticos!

Viva o Sindicato Único Metalúrgico do Pórtico!

Viva a organização operária!

Abaixo os falsos apóstolos proletários!

Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores!

Sim! São traidores aqueles que pre-

## CRISE DE TRABALHO

### Pessoal da Litografia Portugal

Para apreciar a ordem ultimamente dada pelo industrial desta casa, sr. Rufino Perez, reuniu na sede do Sindicato dos Litógrafos o pessoal da Litografia Portugal. Depois de ponderadamente ser analisado a sua crônica situação, motivada pela crise de trabalho, ficou assente que o secretário geral do sindicato, acompanhado de mais dois camaradas nomeados nessa reunião, fosse entrevistar o industrial desta casa, para expor o descontentamento que lá nas várias especialidades litográficas que compõe o pessoal desta casa e do respectivo sindicato, sobre a crise e suas determinantes. Ao mesmo tempo, fez ver os inconvenientes que resultariam para o seu pessoal se persistisse na ordem dada, inconvenientes esses que poderiam dar resultados contraproducentes.

Depois de dêsse mandado, tendo feito de maneira, que deixou bem sintetizado nas palavras que disse a esse industrial o pensamento do pessoal dessa casa e do respectivo sindicato, ficou assente entre o sr. Rufino Perez e a comissão do Sindicato dos Operários Litógrafos, que a semana que decorre nenhuma especialidade litográfica trabalhe, começando no princípio da semana com dois dias de avanço na especialidade dos transportados, ou seja: terça, quarta e quinta, e a especialidade de maquinistas e restante pessoal comece quinta, sexta e sábado. E se o trabalho a comeceasse a desenvolver de futuro aumentaria os dias de trabalho conforme o trabalho.

A comissão retirou vindo transmitir ao pessoal desta casa esta fórmula de trabalho, tendo este resolvido, por unanimidade, aceitar este critério.

Depois de alguns camaradas terem feito várias observações e pedido explicações à comissão acerca da especialidade de desenhadores, esta declarou que por lapso não frizou a sua situação a este senhor, mas está convencida de que em face da lógica das coisas, esta especialidade deve começar a trabalhar nos mesmos dias que estão indicados aos transportadores.

### Pessoal da Litografia Mata

Este pessoal continua na mesma situação em que se encontra há duas semanas. Convém que ele continue dentro da mesma atitude que tem mantido.

Sabemos que a pesar do sr. Eduardo Ferreira ter dito que a situação não manteve por muito tempo, ela deve ainda prolongar-se, pois que aquele senhor foi a última semana para o Cartaxo disposto a não voltar senão passados quinze dias.

Como se vê, há de facto a intenção malévola da parte deste senhor em reduzir o seu pessoal à mais degradante miséria. No entanto, o pessoal deve ir comparecendo no sindicato, para tomar conhecimento de qualquer resolução.

### Reunião magna do proletariado litográfico

Amanhã, pelas 20 horas, reúne a classe litográfica em sessão magna para apreciar e tomar resoluções sobre a crise de trabalho na sua classe. Vão ser convidados a Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares e C. S. T. a assistir a esta reunião.

### Compositores tipográficos

Reúniram ontem em assemblea geral os quadros dos jornais diários de Lisboa, a fim de apreciarem o caso do jornal *O Mundo* e resolverem a forma de prestar solidariedade aos colegas desempregados atingidos pela crise de trabalho. Depois de diversos colegas usarem da palavra, foi nomeada uma comissão com o fim de receber os colegas dos jornais os subsídios necessários para todos os desempregados, que ficou assim constituída: José Silva, do *Diário de Lisboa*; Americo Diamantino, de *O Rebate*; e António Dias, de *O Mundo* e pela direção do Sindicato.

### Sindicato Único da Construção Naval

Em face da grande crise de trabalho e da pretensão de alguns armadores e proprietários de fragatas em provocarem a baixa de salários resolvem as comissões das classes de carpinteiros navais e calafates de Lisboa, Seixal e Barreiro convocar uma assemblea magna para amanhã, às 10 horas, com o fim de se realizar a reunião. São convidados todos os componentes a não trabalharem nesse dia para poderem assistir à reunião.

### A situação dos rurais de Siborro

SIBORRO, 24. — E' cada vez mais desesperada a situação dos rurais desta localidade. Porque não haja trabalho? Não! Trabalho há e muito. As herdes estão cheias de mato, o arvoredo está por limpar. Toda vez os proprietários não dão trabalho e quando os fazem estabelecem ordenados de 5500, 6500 e 7500 para os homens e 2500 e 3500 para as mulheres.

No entanto o trigo é vendido por aqueles cavalheiros a 150 o quilo; o azeite a 50\$00 o decalitre; a carne a 8500 a arroba, etc, etc.

Os trabalhadores não podem viver com este salário ninguém sabendo onde iremos parar. — E

### Pessoal da Casa Vulcano

Reúnio o pessoal desta fábrica, apreciando a marcha do movimento. Usaram da palavra vários oradores que afirmaram que cada vez é maior a união do mesmo pessoal. O delegado do sindicato condenou asperamente a atitude da administração da fábrica pela forma pouco correcta como tratou com o pessoal e em especial o sr. Américo Olavo, engenheiro daquela casa. Mais resolveu: não tratar com a administração daquela casa, enquanto da parte desta não fôr oficiado o sindicato para que lá va a comissão de «démarches», com o respectivo delegado.

O pessoal reúne hoje, pelas 12 horas para apreciar a marcha do movimento.

O Sindicato Metalúrgico apela para todos os profissionais para que não vão trair a casa daquelas camaradas.

dem fazer da organização operária a escada das suas ridículas e inconfessáveis ambições.

Camaradas Metalúrgicos: Em guarda,

em guarda contra os coveiros da vossa organização, respondei com desprezo a todas as *relicquias* que vos aparecerem, porque só pretendem a vossa miséria.

Desprezai com dignidade os divisionistas